

DIÁRIO DE NOTÍCIAS	19.001.1974	COMÉRCIO DO PORTO	
SÉCULO		DIÁRIO POPULAR	
JORNAL DO COMÉRCIO		DIÁRIO DE LISBOA	
PRIMEIRO DE JANEIRO		CAPITAL	
JORNAL DE NOTÍCIAS		REPÚBLICA	

## A OPINIÃO DOS OUTROS

### Outubro em Portugal

«(...) Em Julho, a saída do primeiro-ministro centrista Adalino de Palma Carlos e a sua substituição pelo coronel — agora brigadeiro — Vasco Gonçalves permitiu uma nítida aceleração do processo de descolonização da Guiné-Bissau e de Moçambique, aceleração considerada, nessa altura, «intempestiva e desordenada» pelo general Spínola. Todavia, o Chefe do Estado não conseguiu travar as negociações conduzidas pelo ministro dos Negócios Estrangeiros, Mário Soares, e pelo ministro da Coordenação Interterritorial, Almeida Santos.

Que uso fará da sua liberdade de acção reconquistada e reforçada o actual primeiro-ministro português? (...)

(...) Mobilizará as energias nacionais, como já o fez simbolicamente por ocasião do dia de trabalho voluntário, para fazer sair o País do pântano económico para onde escorrega desde há anos? (...)

O P. C. adere, desde o 25 de Abril, às teses e às iniciativas do M. F. A. com uma fidelidade que, por vezes, irrita determinados militares e, frequentemente, os dirigentes socialistas. As explicações deste comportamento são numerosas. O M. F. A., dizem uns, é neste país o melhor

instrumento de conquista do Poder. Aceitando as suas teses, o P. C. P. espera, talvez, atrair uma parte dos seus membros, até mesmo os seus dirigentes, e subir ao Poder por intermédio do M. F. A.

Num país ao mesmo tempo tão despolitizado e tão oxidado como o Portugal — dizem outros — nem sempre é fácil proclamar-se comunista. Esta palavra pode provocar verdadeiros reflexos de rejeição. Pode-se compreender que, nestas condições, o P. C. tenha julgado prudente, para inspirar confiança, introduzir-se no trilho do M. F. A., que beneficia, pelo contrário, de uma poderosa corrente de simpatia. «Acontece — acentua um comunista — que o M. F. A. é, entre outras, uma força democrática cuja acção e objectivos aprovamos. Porque o havíamos de esconder?»

«Se o P. C. aprova o nosso programa e se está de acordo com as nossas iniciativas, porque não o haveríamos de dizer?» — declara um membro do M. F. A. «É uma organização que pagou muito caro o direito de existir ainda hoje em Portugal. Representa uma corrente política real e profunda, visto que sobreviveu ao fascismo. É actualmente um dos nossos aliados contra a reacção.» (...)

«E para nós um problema grave — diz um dirigente socialista — que Mário Soares seja ministro dos Negócios Estrangeiros. Viaja muito. Quando está em Lisboa, tem um trabalho

enorme no Ministério, pelo que não pode dar ao Partido tanto tempo quanto este precisaria. (...) Da mesma maneira que os comunistas, nós participámos nos acontecimentos da noite de 27 para 28 de Setembro, mas não se falou senão deles e não de nós.» Os militares não o ignoram. «Os socialistas têm muito boa cotação no M. F. A. Não há dúvida de que existem células comunistas entre nós, mas os militares portugueses, como todos os militares da Europa ocidental, foram abundantemente alimentados de literatura e de ideologia anticomunista. São raros os que se voltaram para a esquerda até ao P. C. (...)»

O exemplo do Chile, que levou os dirigentes portugueses a tomarem precauções, não está ausente da memória. Na Cova da Moura, encontrei um dos responsáveis dos serviços de informação: (...)

«Aliás, encontramos em Lisboa muitas armas, fabricadas em Itália (pistolas e metralhadoras Beretta); outras compradas não se sabe onde e fabricadas na Europa do leste. Mas é impossível estabelecer uma vigilância verdadeiramente rigorosa. No passado dia 27 de Setembro, os partidos da direita podiam armar cerca de 800 pessoas em Lisboa.»

Isto explica porque motivo o M. F. A. procura a colaboração activa das forças da esquerda. (...) — René Bachmann, — «Nouvel Observateur», 14/20-10-74.